

**Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social - ASCOM**

Destaque: Matérias que citam o ministro Fernando Coelho Filho ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Globo.....	2
Título: Saímos do buraco.....	2
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	4
Título: Nova tarifa de energia pode deixar conta de luz mais barata	4
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	6
Título: Sob o comando da chinesa State Grid, CPFL prepara investimento.....	6
Título: Empresa avalia ativos para expandir negócio.....	8
VEÍCULO: Correio Braziliense	9
Título: Movidos à inovação	9
Título: Casas ficam até 17h sem energia elétrica.....	11

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia / colunas****Autor: George Vidor****Título: Saímos do buraco**

Os brasileiros têm muitos motivos para se sentirem céticos diante do ano que se inicia. Porém, o quadro de 2018 tem larga vantagem sobre o de 2017.

É da natureza humana: a gente sofre por antecipação. E como o que aconteceu nos últimos anos está muito vivo na memória de todos, é normal que vejamos 2018 como gatos escaldados, pois a trágica experiência pela qual o país passou demonstrou que nada é tão ruim que não possa piorar. Todavia, já é possível dar um leve sorriso diante de toda essa loucura. Afinal, os servidores públicos estaduais do Rio de Janeiro, ativos e inativos, receberam o 13º salário de 2016, quando ninguém mais esperava que isso fosse ocorrer. O fato é que o que parecia irrecuperável está se recuperando, mesmo que aos trancos e barrancos. O melhor exemplo disso é a Petrobras, companhia que foi vilipendiada anos a fio pelos que deviam cuidar dela, começando pelos mais altos mandatários da República. Houve um momento no qual a estatal estava mergulhada dentro de um buraco sem fundo.

A cada demonstrativo financeiro trimestral, os resultados vinham mais negativos do que as previsões mais pessimistas. A toda hora surgia um porém, como se fosse a música de Paulinho da Viola dedicada a sua querida Portela. Se a maior companhia brasileira estava em situação tão dramática, aparentemente irreversível, o que o dono do botequim da esquina poderia esperar? No entanto, a Petrobras fez o que tinha de fazer: livrou-se de dívidas. O endividamento da estatal havia atingido uma proporção intolerável. Mais de cinco vezes o que gerava de caixa em seus negócios por ano. A companhia tinha se tornado realmente inviável, mesmo se tratando de uma empresa petrolífera, que explora o chamado ouro negro (ainda que atualmente amaldiçoado). Suas congêneres acumulam dívidas que não ultrapassam duas vezes a geração operacional de caixa.

Até o fim deste novo ano, a Petrobras se propõe a reduzir esse endividamento para 2,5 vezes a geração operacional de caixa. E já enxerga o horizonte em que esse índice cairá para 1,5 vez, o que a deixará em posição financeiramente confortável, para o bem dos brasileiros e de seus acionistas. A companhia teve de puxar o freio de mão e se desfazer de patrimônio, mas dentro das regras do jogo do setor. As companhias de petróleo fazem isso habitualmente. Aqui é que havia virado um tabu. Por ser uma empresa estatal, embora com muitos

acionistas privados, o governo sempre achou que poderia fazer gato e sapato da Petrobras. Sob o pretexto de executar uma política industrial de interesse nacional, governantes a usaram como instrumento para se manter no poder, aproveitando-se também dela para pagar umas contas pessoais...

A Petrobras não está sob uma redoma que a deixe imune a falcatruas. A estatal tem vícios terríveis que em certos momentos a atravancam. E esbarra nas dificuldades do gigantismo, como um transatlântico manobrando junto a um cais de pescadores. Mas está com a estratégia correta de focar no pré-sal em face da alta produtividade dos poços perfurados nos campos já explorados. Este ano, os investimentos aumentarão 0,5%, invertendo uma curva de declínio. Somarão aproximadamente US\$ 14,5 bilhões, o dobro do que a empresa chegou a investir no auge da produção da Bacia de Campos. Além da conclusão de projetos na Bacia de Santos e da abertura de novas frentes na exploração do pré-sal, estão programadas obras de conclusão da inacabada refinaria Abreu e Lima (Pernambuco) e da Unidade de Processamento de Gás Natural (UPGN) do Comperj, um empurrão na combalida economia fluminense.

O gás, aliás, vai garantir a construção de três usinas termelétricas (investimentos privados), a partir deste ano, no Estado do Rio. Em 2018, o contexto macroeconômico é mais benigno do que o do ano que passou. As taxas básicas de juros estão em patamares jamais navegados, e a inflação está, surpreendentemente, comportada. Fatores propulsores da inflação, como reajustes de salários acima do que a economia consegue suportar, estão fora de pauta. O salário mínimo, que pesa muito nas finanças públicas, teve um reajuste de 1,8%. O acerto das contas públicas permanece como o nó górdio da economia brasileira. Talvez seja querer muito desejar que a sensatez prevaleça na discussão de reformas importantes, como a da Previdência. Na tributária, idem. Mas a questão está na agenda.

Existe ainda alguma chance de o Congresso avançar nessas reformas, o que ajudaria o país a fazer escolhas mais serenas nas eleições gerais de outubro. “Navegar é preciso, viver não é preciso”, disse uma vez o italiano Petrarca, inspirando o grande poeta português Fernando Pessoa a divagar sobre a existência. Ainda que o sentido da frase seja o da precisão, e não o da necessidade, nada é totalmente preciso nesse imenso universo, nem mesmo a navegação. O imponderável costuma dar as caras no meio da curva. Feitas as devidas ressalvas, podemos esperar um ano realmente melhor em 2018. Então, feliz Ano Novo!

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Seção: Mercado****Autor: Anaïs Fernandes****Título: Nova tarifa de energia pode deixar conta de luz mais barata**

Usuários que estejam dispostos a reduzir o gasto de energia no horário de pico do consumo -que ocorre, com alguma variação por Estado, de 17h a 21h- poderão gastar menos com a conta de luz.

Entra em vigor nesta segunda-feira (1º) a tarifa branca. O regime cobra três preços: o de pico ou na ponta, como se diz no jargão do setor (mais caro), intermediário e fora da ponta (mais barato). A adesão é opcional. O consumidor precisa formalizar junto à distribuidora que quer ficar no novo regime.

Os novos preços valem para quem tem consumo médio mensal superior a 500 kWh (quilowatts-hora). Segundo a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica), cerca de 4,5 milhões de unidades e 5% do mercado estão nessa faixa. O consumo médio residencial no Brasil é de 160 kWh, diz a Abradee (associação das distribuidoras).

A meta é escalonar anualmente a abrangência do desconto até que chegue em 2020 aos que consomem menos.

Cada distribuidora definiu o valor do seu desconto. No caso da Eletropaulo, por exemplo, se o consumo no pico for zero, o desconto iria até 13%. O cenário de consumo zero não é factível, mas, com base no consumo típico de uma unidade da região Sudeste com esse perfil, a consultoria TR Soluções estima que apenas não ligar o ar-condicionado já geraria um alívio de 5% na fatura.

Especialistas alertam que se o consumidor não conseguir evitar o consumo no pico, a tarifa branca pode encarecer a conta. Nesse caso, é mais interessante permanecer na tarifa convencional. "É importante que as pessoas tenham consciência de como é o perfil de consumo em suas casas", afirma Juliana Rios, gerente da CAS Tecnologia, empresa que desenvolve soluções para concessionárias.

Aplicativos gratuitos ajudam no mapeamento, como o Oráculuz, da TR, ou o Nossa Energia, desenvolvido pelo Instituto Akatu com a Febraban (Federação Brasileira de Bancos).

"O consumidor precisa avaliar se o esforço para mudar seus hábitos compensa na redução final da fatura, que pode ser pequena", afirma Paulo Steele, sócio-diretor da TR Soluções.

ENTENDA COMO FUNCIONA A NOVA TARIFA

O que é a tarifa branca?

De adesão opcional, a modalidade cobra preços diferentes pela energia consumida dependendo da hora e do dia da semana

Qual é a proposta?

A nova tarifa tenta refletir o uso real das redes de distribuição, que têm períodos mais ou menos intensos, mas são dimensionadas para atender no pico. Quando o consumidor centraliza seu consumo fora desse período, não sobrecarrega a rede, favorecendo a eficiência energética das distribuidoras e a redução de custos

Como funciona a tarifa branca?

Nos dias úteis, o valor varia em três períodos: ponta (mais caro), intermediário (uma hora antes e uma depois da ponta) e fora de ponta (mais barato). Nos feriados nacionais e nos fins de semana, o valor é sempre fora de ponta

Quem pode aderir?

Consumidores da baixa tensão (residências, comércios e pequenas indústrias), exceto beneficiados pela Tarifa Social, de acordo com o cronograma:

A partir de 1º.jan.2018: novas ligações e unidades que consomem mais de 500 kWh em média por mês

A partir de 1º.jan.2019: unidades que consomem mais de 250 kWh em média por mês

A partir de 1º.jan.2020: demais consumidores

Vale a pena?

Sim, para quem concentra seu consumo nos horários de pico, consegue deslocar grande parte desse uso para fora da ponta e é disciplinado no gerenciamento do uso de energia. Se não conseguir evitar o consumo na ponta, a tarifa branca pode resultar em uma conta mais cara

Como decidir se devo aderir?

Primeiro, descubra seu perfil de consumo ao longo do dia, comparando com os períodos de pico e intermediários. Monitore o acionamento de chuveiro

elétrico, ar-condicionado e aquecedor –aparelhos que mais pesam no consumo. Aplicativos gratuitos ajudam na tarefa, como Nossa Energia e Oráculuz

Vou aderir. O que devo fazer?

A solicitação deve ser feita à distribuidora, que tem 30 dias para instalar um novo medidor. Novas ligações devem ser atendidas em cinco dias em área urbana e 10 na zona rural

Preciso pagar pelo medidor?

Não, nem pelo produto nem pela instalação, mas o consumidor terá que arcar com possíveis alterações no padrão de entrada

Posso desistir depois?

Sim, o consumidor pode retornar à tarifa convencional a qualquer momento, e a distribuidora tem 30 dias para efetuar a mudança. Após o retorno, nova adesão à tarifa branca só poderá ser feita após 180 dias

A tarifa branca altera as bandeiras tarifárias?

Não. As bandeiras (verde, amarela e vermelhas 1 e 2) indicam se haverá ou não acréscimo no valor da energia em função das condições de geração no país, não sendo uma escolha do consumidor

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Renée Pereira

Título: Sob o comando da chinesa State Grid, CPFL prepara investimento

R\$ 10 bi no Brasil para desenvolver novos negócios; valor não inclui desembolso para compras de ativos, que também estão previstos.

Prestes a completar um ano sob o controle chinês, a CPFL Energia está pronta para dar novos passos. A partir de agora, a companhia vai focar seus esforços no desenvolvimento de novos negócios e na compra de ativos no setor elétrico. A previsão é desembolsar – além dos valores envolvidos nas possíveis aquisições – R\$ 10 bilhões em investimentos nos próximos cinco anos. Esse montante inclui a expansão nos setores tradicionais do grupo, como distribuição, geração e transmissão, além de projetos de tecnologia para ganhar mais eficiência na operação. O anúncio da compra da CPFL Energia pela chinesa State Grid foi feito em julho de 2016, mas o negócio – da ordem de R\$ 40 bilhões – só foi concluído em janeiro de 2017.

Desde então, a sede da empresa em Campinas experimenta uma mistura entre o estilo mais despojado do brasileiro e o formalismo do chinês. Eles são poucos

na companhia, mas têm um papel fundamental na integração com o comando na China. No total, cerca de 20 chineses acompanham a rotina diária dos executivos brasileiros. Alguns gostam de chamá-los de “sombra”, mas o presidente da CPFL Energia, André Dorf, não aprova essa nomenclatura. Segundo ele, os executivos estão aqui para acompanhar e entender a operação brasileira. Apesar do abismo entre as duas culturas, a convivência parece estar indo bem, com agrados de ambos os lados. Enquanto os chineses adotam nomes ocidentais para facilitar a conversa no dia a dia, os brasileiros até arriscam algumas expressões em chinês.

A integração tem sido incentivada também por meio de intercâmbio entre brasileiros que vão conhecer a operação da State Grid na China e de delegações do país asiático nos negócios na CPFL. Em novembro, por exemplo, a reunião do Conselho de Administração da empresa – agora formado por quatro chineses e três brasileiros – ocorreu em Pequim. O evento deu a oportunidade aos conselheiros nacionais de conhecerem a gigante chinesa, que atende cerca de 1 bilhão de consumidores. Integração. “O ano de 2017 foi de integração e apresentação (entre brasileiros e asiáticos). A partir de 2018 vamos aproveitar melhor as sinergias e oportunidades que esse negócio trouxe para a CPFL”, afirma Dorf.

Segundo ele, embora tenha havido uma guinada radical no controle da empresa (a State Grid tem 94,8% de participação), a gestão continua igual. Evidentemente que todas as decisões e aprovação do plano de negócios da companhia precisam ter o aval da China. Mas, para Dorf, isso não representa um problema. Exemplo disso, é o forte apetite em participar da consolidação que o setor elétrico já começa a viver (leia texto abaixo). Até o terceiro trimestre de 2017, a empresa faturou R\$ 11 bilhões, valor 50% superior ao de igual período do ano anterior. O desempenho deveu-se especialmente à incorporação da AES Sul (agora RGR Sul) no balanço da companhia e do aumento das receitas com comercialização de energia – área que tem tido expressivo avanço nos últimos anos.

“Acreditamos que a CPFL vá se beneficiar do fato de pertencer a um dos maiores grupos de energia elétrica do mundo, tanto operacional como financeiramente”, escreveu a agência de classificação de risco Standard & Poor’s, que na semana passada reafirmou o rating do grupo (hoje limitado pelo rating soberano do Brasil). Dorf também acredita nessa premissa. “Começamos com distribuição, equilibramos com a geração nos anos 2000 e criamos a Renováveis nesta década. Daqui pra frente, a transformação do grupo tem a ver com a tecnologia e novos modelos de negócios”. E, nessa área de tecnologia, a ideia é pegar carona na experiência chinesa e adotar mecanismos já consolidados na empresa asiática.

Automação.

Para o executivo da CPFL Energia, o Brasil ainda está um passo atrás nesse quesito. O País, na avaliação dele, tem chance de automatizar uma série de operações no setor elétrico para melhorar a eficiência. Um exemplo seriam as operações remotas. Ou seja, conseguir resolver desligamentos a partir de uma central sem ter de deslocar equipes. Nos últimos meses, a empresa lançou uma série de iniciativas para apoiar a inovação em áreas como o armazenamento de energia (baterias), geração distribuída solar e veículo elétrico. Os medidores eletrônicos também são uma prioridade para a empresa. “Nessa área, no entanto, precisamos de regulação para poder investir e não termos prejuízos.”

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Seção: Economia****Autor: R.P.****Título: Empresa avalia ativos para expandir negócio**

O apetite dos controladores chineses segue forte, após a compra da CPFL. André Dorf afirmou que a empresa vai avaliar tudo que estiver à disposição no mercado. Na área de distribuição, há uma série de ativos à venda e que pode representar sinergia para o grupo. No Sul, onde já tinha uma concessão, a empresa comprou no ano passado a AES Sul e está de olho na CEEE. O governo gaúcho já manifestou interesse em privatizar a concessionária, mas depende de plebiscito para autorizar a venda. “Estamos acompanhando de perto esse processo”, diz Dorf. A Light, distribuidora do Rio colocada à venda pela Cemig, e as seis distribuidoras da Eletrobrás também serão avaliadas pela companhia paulista. Renováveis.

“Mas não vamos comprar a qualquer custo; somos focados no retorno para o acionistas”, afirma o presidente da CPFL. Isso vale também para ativos do setor de renováveis, que são o foco da empresa. Na área de energia eólica, há muitos parques à venda seja por parte de fundos, que precisam dar retorno aos cotistas, ou de investimentos individuais que estão sem fôlego para crescer e ganhar escala. A CPFL Renováveis cresceu nesse segmento especialmente com a compra de algumas empresas que já tinham um portfólio de projetos mais maduros. Hoje o grupo é um dos líderes no segmento no País – área que gera cerca de R\$ 1 bilhão de Ebitda (sigla em inglês para lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) para a empresa, que tem cerca de 3 mil megawatts (MW) em projetos eólicos e solares para desenvolver./

VEÍCULO: Correio Braziliense**Seção:** Ciências**Autor:** Vilhena Soares**Título:** Movidos à inovação

No século passado, a dupla de americanos Wilbur e Orville, os irmãos Wright, utilizaram um sistema de catapulta para fazer com que a aeronave criada por eles se sustentasse nos céus. A técnica, porém, não foi a que obteve mais sucesso. Santos Dumont conseguiu que o 14-bis passeasse pelos ares graças à criação de um motor de combustão interno movido a gasolina. Mais de 100 anos após o trabalho desses pioneiros, o combustível da aviação volta ao campo das tentativas. Desta vez, pesquisadores buscam alternativas que alimentem as turbinas, mas sejam menos poluentes.

A queima do querosene o combustível mais utilizado no setor — polui o ar devido à produção de gás carbônico (CO₂), que contribui para o efeito estufa e, consequentemente, o aumento da temperatura do planeta. O uso de biocombustíveis e de tecnologias que dispensem, ou reduzam, os produtos atuais estão entre as ideias em teste. Enquadradas nesse segundo grupo estão as aeronaves híbridas, que, além do modo tradicional, podem ser movidas a eletricidade.

A startup americana Zunum Aero e Boeing trabalham em parceria para a produção dessas aeronaves. Matt Knapp, fundador e engenheiro chefe da Zunum Aero, explica que o objetivo das empresas é reduzir a poluição provocada principalmente por voos comerciais que se encaixam na categoria padrão. “Atualmente, 40% das emissões totais são atribuídas aos voos de curta distância. Nossa intenção é entregar aeronaves silenciosas, híbridas, que reduzam o tempo de porta a porta — de aeroporto a aeroporto — e, ao mesmo tempo, mantendo o planeta saudável”, diz.

O engenheiro lista os benefícios que o sistema em desenvolvimento trará ao meio ambiente. “A aeronave híbrida/elétrica é alimentada por sistemas silenciosos de controle de potência e propulsão e reduzirá o barulho em 75%, com capacidade de decolar e pousar perto de comunidades residenciais. As emissões de carbono em curto alcance cairão para 100% à medida que os aviões se tornarem totalmente elétricos”, detalha.

A intenção é começar os testes de voo das aeronaves em 2019. Três anos depois, será apresentado pela empresa uma aeronave de plano de 12 lugares e alcance de 700 milhas (cerca de 1.100 quilômetros/por hora). “Essa aeronave vai transformar a forma como vivemos e trabalhamos. Acreditamos que a propulsão elétrica mudará a aviação”, ressalta Knapp. “Como uma comunidade

global, estamos lidando coletivamente com assuntos relacionados à questão climática, e existem recursos e pesquisas importantes para soluções eficientes em todo os tipos de transporte — aéreo, terrestre e aquático.”

Hidrogênio

Outra alternativa explorada por especialistas da engenharia aeronáutica, como os do Centro de Projetos Aeronáuticos Andrei Nikolaievich Tupolev, na Rússia, é o hidrogênio. Ao entrar em combustão, ele gera água, em vez de carbono, sendo menos poluente. Também se torna mais eficiente por conter átomos com até o quádruplo de energia explosiva, comparado a outros elementos químicos. Apesar dessas vantagens, trata-se de um elemento químico difícil de lidar, por ser pesado e volumoso, o que dificulta o armazenamento na aeronave.

Ainda mais avançados, os motores movidos a plasma têm sido uma opção também explorada por especialistas. Ao contrário da tecnologia tradicional, que cria impulso misturando ar comprimido com combustível e o inflamando, motores a jato de plasma utilizam eletricidade para gerar campos eletromagnéticos. O ar é comprimido com um gás em um plasma — um estado ionizado quente e denso, e essa mistura rende uma velocidade altamente potencializada para as aeronaves.

Berkant Göksel, pesquisador na Universidade Técnica de Berlim, na Alemanha, é um dos cientistas que explora essa tecnologia. “Queremos desenvolver um sistema que possa operar acima de uma altitude de 30 quilômetros, onde os motores a jato padrão ainda não podem ir. Isso poderia levar passageiros até a ‘borda’ da atmosfera e além”, conta. Göksel e sua equipe realizam testes laboratoriais e pretendem transformar os motores a plasma em uma alternativa revolucionária para a mecânica de aeronaves. “Esses jatos de plasma poderão atingir velocidades de até 20 quilômetros por segundo”, ressalta Göksel no *Journal of Physics Conference Series*, periódico em que o projeto foi detalhado, em abril de 2017.

Projeto brasileiro

Um acordo firmado em 2013 entre a Embraer e a Boeing tem o intuito de pesquisar o uso de biocombustíveis na aviação civil. O foco do projeto, que conta com a parceria da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é oferecer subsídios para que o Brasil alcance posição de destaque na produção desses combustíveis menos poluentes, com medidas detalhadas no documento Plano de voo para biocombustíveis de aviação no Brasil: plano de ação. Entre as possibilidades promissoras no curto prazo, estão o etanol de cana-de-açúcar. A médio e longo prazos, a aposta é em matérias-primas celulósicas, como os produtos derivados de madeira e palha e o bagaço de cana.

VEÍCULO: Correio Braziliense**Seção:** Cidades**Autor:** Lucas Vidigal**Título:** Casas ficam até 17h sem energia elétrica

Às vésperas do réveillon, a descontração e a tranquilidade de centenas de famílias deram lugar à apreensão provocada por quedas de energia no Distrito Federal. Por cerca de 17 horas, entre sábado e domingo, moradores do Condomínio Quintas do Sol, no Jardim Botânico, ficaram sem luz devido à caída de um poste. O breu não se restringiu ao setor habitacional — a Companhia Energética de Brasília (CEB) fechou o sábado com 170 chamados em aberto. Às 9h de ontem, conforme informado ao Correio pela empresa, havia 70 reclamações não atendidas.

Morador da Quadra 2 do Quintas do Sol, André Caetano, 38 anos, enfrentou o temor de ver a festa de fim de ano, programada para 20 familiares e amigos, dar errado por causa das quedas de energia. Próximo à residência dele, um poste caiu, e deixou duas quadras do condomínio sem luz, entre as 10h19 de sábado e as 3h30 de domingo. “Tive de pedir ao meu amigo um gerador, que foi suficiente para manter apenas a geladeira ligada nesse meio tempo. Se a energia não voltasse até a tarde, teríamos de recorrer a um plano B e passar a virada em outro lugar”, afirmou o gerente de projetos.

Responsável por parte da ceia, Regina Caetano, 60, mãe de André, ressaltou que o apagão atrasou boa parte dos preparativos. “Inviabilizou tudo. Não pudemos fazer o pavê, mousse, quiche, além de assados. Tivemos medo de perder toda a comida”, disse.

As queixas espalharam-se entre diversas regiões administrativas, como Samambaia, Guará, Lago Norte e Taguatinga. Os relatos foram registrados por moradores em redes sociais. “Basta começar uma chuva com relâmpagos para acabar a energia elétrica na QI 31 do Guará 2”, reclamou um internauta. “Aqui, no Lago Norte, estamos sem energia desde as 10h (de sábado). Não pode cair um pinga”, complementou outro.

Reparos

A CEB informou que, apesar de os apagões serem recorrentes em períodos chuvosos, a situação melhorou no DF. Nos últimos meses, caíram os índices de duração equivalente de interrupção de energia e de frequência equivalente de interrupção. A empresa pública completou que 95% dos chamados são atendidos pelas equipes emergenciais.

O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) informou que o nível de chuva de 11,6mm no Plano Piloto, acumulado no domingo, é moderado, mas ressaltou a ocorrência de pancadas fortes em regiões fora do centro de Brasília. Para ontem e hoje, a estimativa é de chuvas fracas a moderadas em pontos isolados.

MME / ASCOM .